

ELVAS NA IDADE MÉDIA

Fernando Branco Correia

ELVAS NA IDADE MÉDIA

Edições Colibri

.

CIDEHUS – Universidade de Évora

Biblioteca Nacional de Portugal
– *Catálogo na Publicação*

CORREIA, Fernando Branco, 1958-

Elvas na Idade Média. – (Biblioteca estudos e colóquios ; 32)
ISBN 978-989-689-365-1

CDU 94(469.511)"07/14"

Título: Elvas na Idade Média

Autor: Fernando Branco Correia

Edição: Edições Colibri / CIDEHUS – Universidade de Évora

Depósito legal n.º 367 170/13

Desenhos e fotos do autor, salvo indicação em contrário.

Apoios

Câmara Municipal de Elvas

Fundação Eugénio de Almeida

Direção Regional de Cultura do Alentejo

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Alentejo

Lisboa, Dezembro de 2013

ÍNDICE

Proémio	15
1. INTRODUÇÃO	17
1.1. Enquadramento geográfico	19
1.2. Antecedentes históricos	27
1.2.1. A Pré-História da região de Elvas	27
1.2.2. Época romana	30
1.2.3. Época “visigótica”	38
2. ELVAS ISLÂMICA	43
2.1. Elvas e a evolução do poder no <i>Gharb al-Andalus</i>	45
2.1.1. A conquista: formação da <i>Kûra</i> de Mérida	46
2.1.2. O período emiral: Ibn Marwân e <i>Albasharnal</i>	49
2.1.3. O califado: <i>Yalbash</i> nos itinerários de época islâmica	55
2.1.4. A Taifa de Badajoz: <i>Yalbash</i> sob o domínio aftácida	57
2.1.5. O domínio dos impérios norte-africanos: a madîna <i>Yalbash</i> dos séculos XII e XIII	60
2.2. A organização do espaço	67
2.2.1. Espaço urbano	67
2.2.1.1. Alcáçova e medina	67
2.2.1.2. A malha urbana	69
2.2.1.3. Equipamentos urbanos e zonas específicas	71
2.2.1.4. A mesquita da Alcáçova	75
2.2.2. Espaço peri-urbano	88
2.2.2.1. Os arrabaldes	88
2.2.2.2. Almuinhas e mercados	88
2.2.2.3. O espaço rural, segundo os dados da toponímia	89

2.3. O sistema defensivo	101
2.3.1. Alcáçova	101
2.3.1.1. Cortinas e torres da Alcáçova	102
2.3.1.2. As portas	106
2.3.1.2.1. Porta da Traição	107
2.3.1.2.2. Porta da Alcáçova ou do Miradeiro	107
2.3.1.2.3. Porta do Templo	108
2.3.2. Medina	112
2.3.2.1. Portas	113
2.3.2.2. Torres	115
2.3.3. Fortificações rurais	122
2.3.3.1. Povoamento e defesa (<i>qariya</i> e <i>hisn</i>)	122
2.3.3.2. Atalaias e rede viária	127
3. ELVAS CRISTÃ	129
3.1 Os eventos da “Reconquista”	131
3.1.1. A tentativa de conquista de 1226	134
3.1.2. A conquista de 1229-1230	138
3.2. Elvas (re)conquistada	141
3.2.1. A concessão do foral	141
3.2.2. O destino dos vencidos	144
3.2.3. A cristianização do espaço	146
3.2.3.1. Santa Maria dos Mártires – o culto da memória	146
3.2.3.2. As mesquitas e os bens <i>Waqf</i> ou <i>Habus</i>	147
3.2.3.3. As freguesias	149
3.2.4. A partilha do espaço	151
3.2.5. Definição do termo	153
3.3. O reforço das estruturas defensivas	157
3.3.1. O castelo	158
3.3.2. A manutenção da “cerca velha”	161
3.3.2.1. As portas da “cerca velha”	163

3.3.2.1.1. Porta dos Banhos	163
3.3.2.1.2. Porta Nova	165
3.3.2.1.3. Porta de Santiago	167
3.3.2.1.4. Porta do Bispo	169
3.3.2.1.5. Porta de S. Martinho	169
3.3.2.2. A torre nova	171
3.3.2.3. A “cerca velha” e o crescimento urbano	172
3.3.3. A construção da “cerca fernandina” ou “cerca nova”	175
3.3.3.1. Definição das muralhas	177
3.3.3.2. Obras nas muralhas – um pesado encargo do concelho	185
3.3.3.3. A reparação das muralhas pelo “ <i>povo meudo</i> ”	190
3.3.3.4. As perspectivas de Duarte D’armas	195
3.3.4. Atalaias e torres no termo	196
3.4. Os espaços	199
3.4.1. Vectores do crescimento urbano	199
3.4.2. A Alcáçova e a Corujeira	204
3.4.3. O dispositivo viário da antiga medina	209
3.4.3.1. Os Açougues, a Sapataria, a Ferraria e a Judaria Velha	209
3.4.3.2. A rua dos Mercadores e a rua de Alcobaça	215
3.4.3.3. Outros arruamentos	218
3.4.4. De arrabaldes a bairros intramuros	220
3.4.4.1. Eixos principais do antigo arrabalde	223
3.4.4.1.1. A Feira e seus acessos	223
3.4.4.1.2. A Praça	229
3.4.4.1.3. Os adros	235
3.4.4.2. Regularidade dos novos bairros	236
3.4.4.3. Zonagem moral e lúdica	241
3.4.4.3.1. A mancebia	241
3.4.4.3.2. A rua do Tavalado	243
3.4.4.4. A “cintura industrial”	244
3.4.4.5. Os espaços das minorias	245

3.4.4.5.1. Espaços da minoria judaica	245
3.4.4.5.2. Espaços da minoria mudéjar	250
3.4.5. As construções	260
3.4.5.1. A casa comum	260
3.4.5.2. Espaços de transformação, comércio e armazenamento	270
3.4.5.2.1. Tendas	270
3.4.5.2.2. Covas de pão	271
3.4.5.2.3. Os lagares	272
3.4.5.3. Construções de prestígio	275
3.4.5.3.1. O mosteiro de S. Domingos	277
3.4.5.3.2. As igrejas	280
3.4.5.3.3. Os paços	283
3.4.5.3.4. A torre do relógio	290
3.4.5.3.5. Os açougues	293
3.4.5.4. Técnicas e materiais de construções	295
3.4.5.5. A água	300
3.4.5.5.1. Poços e cisternas	300
3.4.5.5.2. Chafarizes	302
3.4.5.5.3. Banhos	303
3.4.6. O espaço periurbano	304
3.5. As gentes	317
3.5.1. A população	317
3.5.2. A sociedade	322
3.5.2.1. O clero	323
3.5.2.1.1. O clero secular	323
3.5.2.1.2. O clero regular	327
3.5.2.1.3. As ordens religiosas-militares	332
3.5.2.1.4. Comunidades de leigos	332
3.5.2.2. A nobreza	336
3.5.2.2.1. Os fiéis vassalos de D. Afonso III	336
3.5.2.2.2. Os protegidos da Ínclita Geração	340

3.5.2.2.3. Fidalgos da casa real de D. Afonso V	342
3.5.2.3. As elites locais	345
3.5.2.3.1. O século XIV, período de afirmação de linhagens locais	346
3.5.2.3.2. A crise de 1383-85 e a consolidação de algumas linhagens elvenses	349
3.5.2.4. O povo	375
3.5.2.4.1. Cavaleiros-vilãos e outros estratos superiores do povo	377
3.5.2.4.2. Os estratos intermédios do povo	386
3.5.2.4.3. Os estratos populares inferiores: assoldados e jornaleiros	398
3.5.2.4.4. Marginais e pobres	399
3.5.2.5. A minoria judaica	402
3.5.2.5.1. A organização da comuna	404
3.5.2.5.2. Actividades económicas	409
3.5.2.5.3. Relacionamentos e quotidiano	415
3.5.2.6. A minoria <i>mudéjar</i>	418
3.5.2.6.1. Organização interna da comuna	423
3.5.2.6.2. Tributos, encargos e isenções	427
3.5.2.6.3. Actividades económicas	434
3.5.2.6.4. Aspectos demográficos	447
3.5.2.6.5. Identificação e onomástica	451
3.5.2.6.6. Uma elite <i>mudéjar</i> – os Cigarros de Elvas	454
3.5.2.6.7. Relações e cumplicidades	457
3.5.2.7. Escravos	459
CONCLUSÃO	461
PRINCIPAIS ABREVIATURAS UTILIZADAS	465
TABELA DE EQUIVALÊNCIA ALIFADO – ALFABETO	467
FONTES E BIBLIOGRAFIA	469

Para as mariazinhas

Vais pela estrada que é de terra amarela e quase sem nenhuma sombra. As cigarras cantarão o silêncio de bronze. À tua direita irá primeiro um muro caiado que desenha a curva da estrada. Depois encontrarás as figueiras transparentes e enroladas; mas os seus ramos não dão nenhuma sombra. E assim irás sempre em frente com a pesada mão do Sol pousada nos teus ombros, mas conduzida por uma luz levíssima (...) Até chegares às muralhas antigas da cidade que estão em ruínas. Passa debaixo da porta e vai pelas pequenas ruas estreitas, direitas e brancas (...) E olha bem o branco, o puro branco, o branco da cal onde a luz cai a direito.

Sophia de Mello Breyner Andresen, “Caminho da manhã”,
Antologia, 2ª ed., Lisboa, Moraes Ed., 1970,
(reedição de *Livro Sexto*, Moraes Ed., 1962), p. 177.

Uma cidade é sempre uma «criação», um elemento fundamental da organização do espaço, um nó na malha de relações estabelecidas voluntária ou espontaneamente entre os habitantes: uma obra humana inscrita num pedaço de solo, um facto de superfície de dimensões reduzidas mas da maior significação pelas conexões que estabelece.

Orlando Ribeiro, “Proémio metodológico ao estudo das pequenas cidades portuguesas”, *Opúsculos Geográficos*, vol. V, Lisboa, F.C.G., 1994, p. 170.

PROÉMIO

Conhecida por ter “Badajoz à vista”, a história de Elvas durante muito tempo era quase que exclusivamente lembrada quando se tratava de glorificar o papel desta cidade durante o período da chamada Guerra da Restauração.

Contudo, esta terra de fronteira e de fronteiras teve, durante o período medieval, uma existência e uma dinâmica que têm passado algo despercebidas. Da sua fundação quase nada se sabe e a sua integração na coroa portuguesa ainda hoje se reveste de contornos que se não dominam com toda a exactidão. Integrada num território onde não faltam as marcas de ocupações muito antigas, localizada junto a um dos mais importantes rios do sul ibérico – o Guadiana – a cidade de Elvas situa-se numa zona de cruzamento de caminhos e civilizações. Desde tempos pré-históricos que o seu território sentiu o pulsar do movimento dos povos a quem não foi indiferente o valor das suas terras e das suas águas.

Porém, só durante o período islâmico é que surge claramente identificada nas fontes escritas, mantendo estreitas ligações com a cidade de Badajoz que vê crescer em frente de si.

A sua integração nas terras dos reinos cristãos que se expandem para sul separam Elvas de Badajoz, colocando cada uma delas em reinos diferentes. Vizinha e por vezes rival, Elvas não deixará de ter o seu quotidiano marcado pela proximidade com Badajoz que sempre estará “à vista”.

É desta cidade de fronteira e de fronteiras que agora se falará, tendo como ponto de partida uma dissertação de mestrado em História Medieval com mais de dez anos. Muito mudou, para melhor, em termos historiográficos. Apesar do tempo passado e das marcas que esse tempo deixou neste texto, não há possibilidade de o alterar em tudo o precisa de revisão. É um texto datado, que passou pelo atento acompanhamento da Prof. Maria Ângela Beirante e pela crítica e arguição do Prof. A. H. de Oliveira Marques. A ambos estou grato, muito grato. Porém, algumas explicações redundantes foram retiradas e houve actualizações que não se puderam ignorar.

Os vários séculos do período medieval cristão foram tratados sem perder de vista a compreensão das continuidades e rupturas em relação ao período islâmico, sobretudo no que diz respeito à paisagem urbana e ao quotidiano dos grupos humanos nela assentes. Continuidades e rupturas essas que

se sentem na “vila” de Elvas a nível político, social e económico, mas também no que diz respeito ao urbanismo, aos equipamentos urbanos e à sua importância estratégica.

Algumas dessas fontes são inéditas; outras foram já dadas a conhecer por eminentes eruditos locais que, com uma grande e persistente dedicação, contribuíram de forma inultrapassável para a divulgação da História e tradições de Elvas e da sua região.

Esta obra nunca pretendeu abarcar a totalidade dos aspectos de que se revestiu o quotidiano da urbe e do território da Elvas islâmica e cristã até ao século XV muito está ainda por estudar. Se este livro vier a ser útil para as gerações futuras – como foram os eruditos elvenses de outrora para o autor destas páginas – então terá cumprido o seu desígnio.

Uma palavra muito especial para a Professora Maria Ângela Beirante, orientadora do trabalho académico que está na origem deste livro. Sem o seu aconselhamento e estímulo constantes esta obra não seria aquilo em que se tornou.

1. INTRODUÇÃO

1.1. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

Vaso já por vezes modelado pela vida tradicional, o território serve a esta não apenas de assento mas de condição, que o evoluir do tempo fará actuar de diversa maneira.

Orlando Ribeiro, *Introduções Geográficas à História de Portugal, estudo crítico*, Lisboa, 1977, p. 20.

Fazendo parte da região actualmente designada como Alto Alentejo, o território em redor de Elvas possui características morfológicas e geológicas semelhantes às da região em que se integra. Não deixa, porém, de sugerir algumas particularidades, situação que não é de estranhar dado que o Alentejo tem sido perspectivado geograficamente como mais que uma simples região¹.

Por outro lado, o facto de o Alto Alentejo², em geral, e a região de Elvas, em particular, carecerem de aprofundados estudos de carácter geomorfológico³ leva a que se coloque particular cuidado na caracterização de Elvas e da sua região.

É sobre um naco de Maciço Antigo moldado por uma erosão intensa, onde dominam os suaves ondulados das peneplanícies, que se localiza a

¹ “Já se escreveu que «o Alentejo não é uma província, é um país» – tal a variedade de aspectos que nos apresenta” – A. de Amorim Girão, *Geografia de Portugal*, 3ª ed., Portucalense ed., Porto, 1960, p. 412.

² Se Lautensach inclui Elvas no “Alto Alentejo”, Orlando Ribeiro, em 1955, introduz uma curiosa nuance, na medida em que, para este geógrafo, a região de Elvas pertence ao Alentejo, embora dentro de uma “unidade de paisagem” que denomina de “Alto Alentejo”. Veja-se Orlando Ribeiro e Hermann Lautensach, *Geografia de Portugal*, com org., comentários e actualização de Suzanne Daveau, vol. IV – *a vida económica e social*, ed. J. Sá da Costa, 1ª ed, Lisboa, 1991, pp. 1239, 1245 (fig. 269) e 1270 -1271 (fig. 261).

³ Ainda recentemente a geógrafa Suzanne Daveau considerava que “o Alto Alentejo continua [a ser], em conjunto, uma das regiões portuguesas menos estudadas do ponto de vista geomorfológico” (comentários e actualização de Suzanne Daveau a Orlando Ribeiro e Hermann Lautensach, *Ibidem*, vol. I, p. 224).

região de Elvas⁴. Mas essa antiguidade, em termos geológicos, de grande parte das suas terras, não significa que não tenha conhecido novidades. De facto, a região em que se insere Elvas, sob o ponto de vista geológico, é de grande riqueza e variedade⁵.

A complexidade geológica da região deve-se também ao facto de a grande falha tectónica que atravessa o Alentejo também por aqui passar⁶, considerando-se provável que a dita falha (detectada a cerca de 3 Km para SW e a cerca de 6 Km para NE) atravessasse o próprio núcleo urbano. Parte do subsolo urbano e uma grande mancha em seu redor são ricos em rochas eruptivas⁷. Entre Elvas e os campos da vizinha Espanha há semelhanças evidentes. Se as formações geológicas que se encontram ao longo do curso médio do Guadiana são idênticas junto a Elvas e a Badajoz, também no caso das formações do período Câmbrico do sistema da Era Paleozóica, essas mesmas formações continuam para Espanha⁸.

Altimetrias

O relevo assume na região uma oscilação “morna”, variando entre os 150 e os 500 metros de altitude (Mapa 1).

Dentro deste intervalo dominam as altitudes inferiores a 400 metros, embora a zona oeste do termo de Elvas, junto a Vila Boim, apresente já altitudes superiores às demais zonas do território do termo⁹. Aliás o “alto” de Vila Boim, entre esta localidade e a capela de S. Lourenço, é precisamente o

⁴ Maria Manuel Guerra Franco, *Elvas vista numa perspectiva geográfica*, Câmara Municipal de Elvas, Elvas, 1991, p. 11. Segundo Suzanne Daveau, “o interflúvio (...) que separa o Tejo do Guadiana, apresenta paisagens variadas, onde formas suavemente abauladas são dominadas por colinas e serras circunscritas, geralmente alinhadas de NW para SE” – (*op. cit.*, vol. I, pp. 217-218).

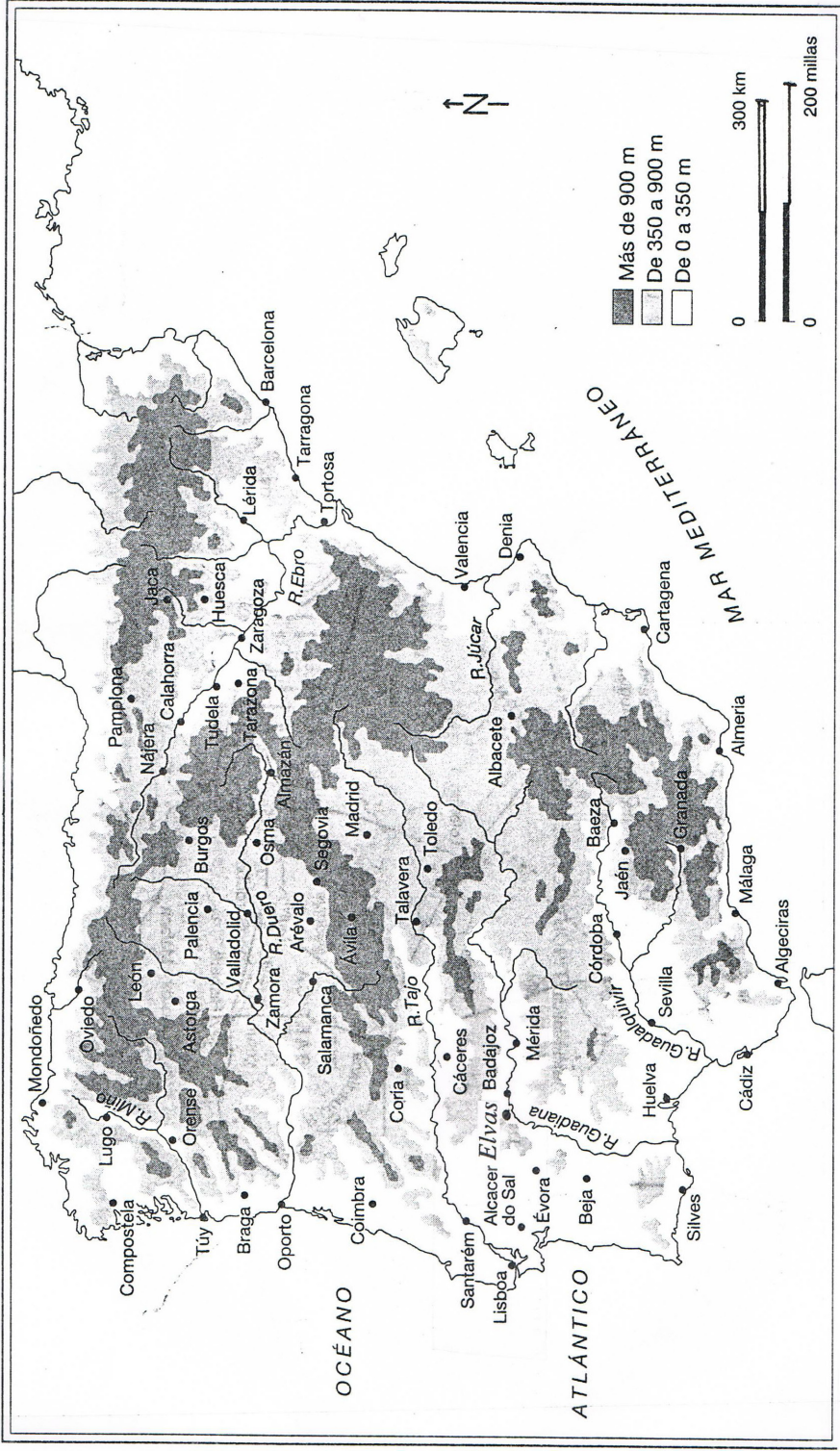
⁵ Francisco Gonçalves, C. Torre de Assunção, *Carta Geológica de Portugal, notícia explicativa da folha 37-A: Elvas*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 1970, p. 7.

⁶ A grande “falha da Messejana” que atravessa todo o Alentejo numa diagonal ascendente, sensivelmente no sentido SW-NE (e que desde Odemira se prolonga até cerca de Ávila, em Espanha), passa junto a Elvas, dotando esta zona de uma maior complexidade e riqueza geológica. Sobre esta característica geológica veja-se, por exemplo, Carlos Alberto Medeiros, *op. cit.*, pp. 41 (fig. 6) e 54.

⁷ Destas rochas eruptivas destacam-se os gabros anfibólicos e piroxénicos, para além de “ante-estefanianas”.

⁸ *Ibidem*, p. 42.

⁹ Cf. *Mapa Hipsométrico de Portugal Continental*, p. 38.



Mapa 1 – Elvas na “Ibéria física”, segundo Bernard Reilly (*Las Españas...*, p. 291)

ponto do termo de Elvas em que se regista a cota de maior altitude, precisamente 495 m de altitude¹⁰.

Em redor do núcleo urbano de Elvas dominam as cotas próximas dos 300 metros. A cota máxima urbana quase atinge este valor. A norte, no cabeço em que se encontra o forte da Graça e que, no período medieval, era conhecido como serra de S. Domingos, encontra-se a cota mais alta das suas imediações, precisamente 383 m¹¹. Trata-se de um relevo que nunca impediu a penetração de ventos de civilização vindos sobretudo do sul (Mapa 1)¹².

Hidrografia

Sente-se a falta de um estudo aprofundado sobre as linhas de água na região, situação comum a outras regiões de Portugal¹³. Não faltam, porém, na região as linhas de água. No entanto, a quantidade de água disponível é, geralmente, escassa e, a esse nível, Elvas não foge às características próprias da zona raiana¹⁴.

Assumindo papel de destaque está o rio Guadiana que corre sensivelmente a SE e ao qual se junta o rio Caia que corre na parte norte do termo de Elvas. A maior parte das ribeiras e dos pequenos ribeiros é a estas duas linhas de água que se vão juntar¹⁵ (Mapa 2).

O território do termo de Elvas, excepto uma pequena franja ocidental do mesmo, integra-se na área da bacia vertente para o Guadiana¹⁶, rio este que se sabe ser bastante irregular, mas cujo regime continua muito pouco conhe-

¹⁰ *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25.000, Serviço Cartográfico do Exército, folha nº 413.

¹¹ Maria Manuel Guerra Franco, *op. cit.*, p. 12.

¹² “O Sul era outro mundo, há muito aberto a todos os ventos da civilização” – Orlando Ribeiro, “A Planície em Portugal” in *Opúsculos Geográficos*, vol. VI – *Estudos Regionais*, (pp. 231-238), p. 234.

¹³ “Os geógrafos portugueses deram, até hoje, pouca atenção aos rios.” – Comentário de Suzanne Daveau in Orlando Ribeiro e Hermann Lautensach, *op. cit.*, vol. II – *O Ritmo Climático e a Paisagem*, 1994, p. 490.

¹⁴ Pode aplicar-se, mas de forma cautelosa, a opinião de Amorim Girão de que “No sul de Portugal, como na sua zona fronteiriça de este, a escassez da água é o fenómeno geográfico por excelência, «causa das causas», como estávamos tentado a dizer” – A. de Amorim Girão, *op. cit.*, p. 413.

¹⁵ Maria Manuel Guerra Franco, *op. cit.*, p. 14.

¹⁶ Suzanne Daveau, *op. cit.*, vol. II figura 108, p. 491.

cido¹⁷. Para a zona do curso médio do Guadiana, junto a Elvas, escasseiam as informações¹⁸. Em geral, as várias linhas de águas da zona de Elvas têm um regime muito irregular, dependente da pluviosidade e da dureza das estiagens¹⁹.

Parece não terem sido publicados estudos específicos quanto às características da região a nível de águas subterrâneas²⁰. Na verdade, registam-se algumas fontes e nascentes, locais de abastecimento de água de relevante importância.

Orlando Ribeiro inclui o troço do Guadiana, que se localiza próximo de Elvas até montante de Mérida, numa zona de “navegação fluvial importante”²¹, o que transforma este troço médio do Guadiana numa estrada de indiscutível interesse, sobretudo para os tempos mais recuados.

Clima

Segundo Lautensach, e de acordo com as medições efectuadas entre 1903 e 1932 na zona de Elvas, a precipitação média anual vai dos 500-600 mm a 700-800 mm anuais; precipitações semelhantes à registadas na Estremadura portuguesa, embora a zona mais oriental do termo de Elvas já registre precipitações mais fracas, comparáveis com as que se registam no actual Baixo Alentejo²². Trabalhos posteriores de Orlando Ribeiro acentuam a variedade de quantidades de precipitação registada na área do alfoz de Elvas, mostrando claramente que a zona Este e NE do seu termo são menos visitadas pela chuva e apresentam claras semelhanças com os campos das vizinhas terras da actual Extremadura espanhola²³.

¹⁷ *Ibidem*, p. 518 e 520. Esta mesma autora lamenta que nem o próprio projecto da barragem do Alqueva – que atinge áreas do termo de Elvas – tenha dado origem a um “estudo hidrológico e geográfico aprofundado”.

¹⁸ Vejam-se as escassas 6 linhas que Suzanne Daveau dedica ao percurso situado entre Badajoz e o Pulo do Lobo. Por outro lado, para esta zona não há trabalhos como o que Mariano Feio elaborou em 1944 para “os terraços do Guadiana a jusante do Ardila” (Suzanne Daveau, *Ibidem*, II, p. 492). Amorim Girão quase que nem refere o troço que medeia entre Badajoz e o *Pulo do Lobo* (*op. cit.*, pp. 145-146).

¹⁹ Sobre estes aspectos veja-se Maria Manuel Guerra Franco, *op. cit.*, p. 14.

²⁰ Veja-se *Atlas do Ambiente*, folhas 11 e 16 (1-4), O. Ribeiro *et alii* – *Introduction à la Géologie Générale du Portugal*, S.G.P., Lisboa, 1977, pp. 94-98.

²¹ Orlando Ribeiro, *Introduções Geográficas à História de Portugal, estudo crítico*, Lisboa, 1977, pp. 98-99.

²² Estudo de Lautensach em Orlando Ribeiro e Hermann Lautensach, *op. cit.*, vol. II pp. 358-359.

²³ *Ibidem*, II, p. 376; veja-se também o estudo da frequência da distribuição das

Elvas integra-se, tal como todo o Alto Alentejo e o Vale de Tejo, numa região em que é de três o número de meses em que se registam chuvas escassas²⁴. Segundo trabalhos mais recentes de Suzanne Daveau, Elvas localiza-se numa das zonas do actual território nacional continental em que a quantidade de precipitação anual média é menor²⁵.

Quanto a temperaturas, o alfoz de Elvas encontra-se maioritariamente dentro das zonas que, segundo a terminologia empregue por Suzanne Daveau, apresenta Inverno “fresco” e Verão “muito quente”, com temperaturas médias superiores a 32° no mês mais quente e 120 ou mais dias com máximas superiores a 25° de temperatura²⁶.

Sob o ponto de vista bioclimático, Elvas integra-se numa região bioclimática de tipo *Pré-Mediterrâneo interior*²⁷. Para Mariano Feio, o clima português, pelo facto de ter chuvas a mais no Inverno e de menos no Verão, só é apto para algumas culturas, de entre as quais se destacam “a vinha, a oliveira, algumas árvores florestais (sobreiro, pinheiro e eucalipto) e determinadas culturas regadas”²⁸. Este panorama, a que não falta até o regadio, será útil para compreender alguns aspectos do quotidiano dos espaços peri-urbanos da Elvas medieval.

Quanto ao clima específico de Elvas, estudos da década de 70 do presente século demonstram que, apesar de ser uma localidade meridional, apresenta características continentais, com uma amplitude térmica diária média mais acentuada no Verão (17°) que no Inverno (estação em que essa amplitude térmica desce para 9°), devido à “forte insolação estival”²⁹.

precipitações segundo trabalho de Suzanne Daveau publicado em 1977 e 1978 (*Ibidem*, II, figuras 69-70, p. 403 e p. 405).

²⁴ Considera Orlando Ribeiro que, quanto a número de meses de baixa precipitação, se verificam 2 na Cordilheira Central e 4 ou 5-6, respectivamente, no Baixo Alentejo e litoral algarvio – *Op. cit.*, II, p. 374.

²⁵ Segundo um mapa publicado em 1977, elaborado a partir de medições efectuadas entre os anos de 1931 e 1960, a área do termo de Elvas é uma das que tem uma menor distribuição da precipitação anual média (comentário de S. Daveau, *op. cit.*, II, pp. 398-399); veja-se também Carlos Alberto Medeiros, *op. cit.*, p. 85, fig. 6.

²⁶ *Ibidem*, figuras 89 e 95, respectivamente, pp. 435 e 442. A autora coloca a zona NW do termo ou alfoz de Elvas já dentro duma área de Inverno “moderado”.

²⁷ Expressão utilizada em estudo de Maria João Alcoforado, publicado em 1982, segundo “comentários e actualização” de Suzanne Daveau, *op. cit.*, II, p. 455.

²⁸ Mariano Feio, citado por Carlos Alberto Medeiros, *op. cit.*, p. 99.

²⁹ *Ibidem*, p. 423 e figura inferior da p. 427. Em síntese recente, Maria Manuel Franco considerou possuir Elvas um clima de “feição mediterrânea” mas com características de continentalidade, na medida em que, para além de “uma secura estival acentuada e

Todos estes factores condicionam o tipo de cobertura vegetal dominante na região. A nível florístico Lautensach integrou Elvas na região que denominou “Alentejo Oriental”, a qual considerou ser a zona continental que “apresenta a maior percentagem de espécies mediterrâneas”³⁰.

Já se referiu a existência de nítidas semelhanças entre a geologia das zonas de Elvas e de Badajoz. Porém, as semelhanças entre essas duas terras vizinhas não se ficam pela geologia. Na verdade, já Amorim Girão tinha posto em evidência a existência de semelhanças entre a “paisagem física, animal e humana da Extremadura espanhola com a do Alentejo”³¹.

um Outono e Inverno pluviosos”, há que ter em conta as grandes amplitudes térmicas resultantes das disparidades entre as altas temperaturas obtidas nos Verões e os Invernos pródigos em geadas e com temperaturas muito baixas (*op. cit.*, p. 14).

³⁰ Orlando Ribeiro e Hermann Lautensach, *op. cit.*, II, pp. 548-551.

³¹ Amorim Girão, *op. cit.*, pp. 30-31 (Estampa V) e p. 32, onde se reproduzem mapas das regiões naturais da Península Ibérica, segundo Dantín Cereceda e Hernández-Pacheco (figs. 11 e 12).